

Barómetro da Imigração

A perspetiva dos portugueses

FUNDAÇÃO
FRANCISCO MANUEL dos SANTOS

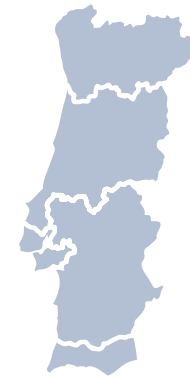


BARÓMETROS #04
DA FUNDAÇÃO

Ficha técnica

Este relatório baseia-se num inquérito realizado pela DOMP, S.A. para a Fundação Francisco Manuel dos Santos no verão de 2024 (junho a agosto). O universo do estudo é composto pelos residentes de Portugal continental, com 18 ou mais anos de idade, nacionalidade portuguesa à nascença, falantes de língua portuguesa, com telefone da rede fixa, móvel ou acesso à internet.

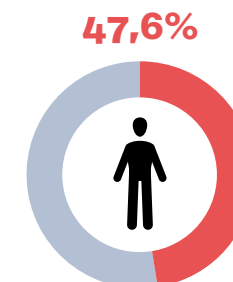
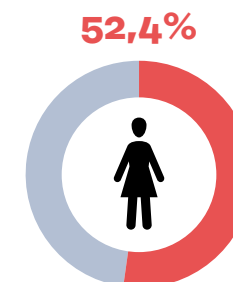
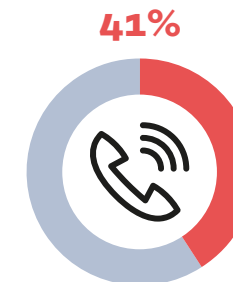
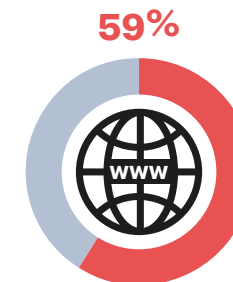
Considerando aceitável um erro amostral de 3% (para um nível de confiança de 95%), foram realizadas 1072 entrevistas completas e validadas, das quais 631 via inquérito *online* (CAWI; 59% da amostra) e 441 por entrevista telefónica (CATI; 41% da amostra). Dos entrevistados, 52,4% eram do sexo feminino. As entrevistas realizadas por telefone foram apoiadas em questionário estruturado de perguntas abertas e fechadas, inserido num programa informático (CATI) gestor das entrevistas. Foram, também, recolhidas participações *online*, a partir de uma plataforma de inquéritos. O trabalho de campo decorreu entre os dias 13 de junho e 30 de agosto de 2024. A seleção dos números de telefone foi feita aleatoriamente, a partir das bases de dados existentes, e a seleção dos inquiridos foi realizada em função de quotas por sexo, grupos etários, região de residência (NUTS II) e escolaridade.



18+ anos



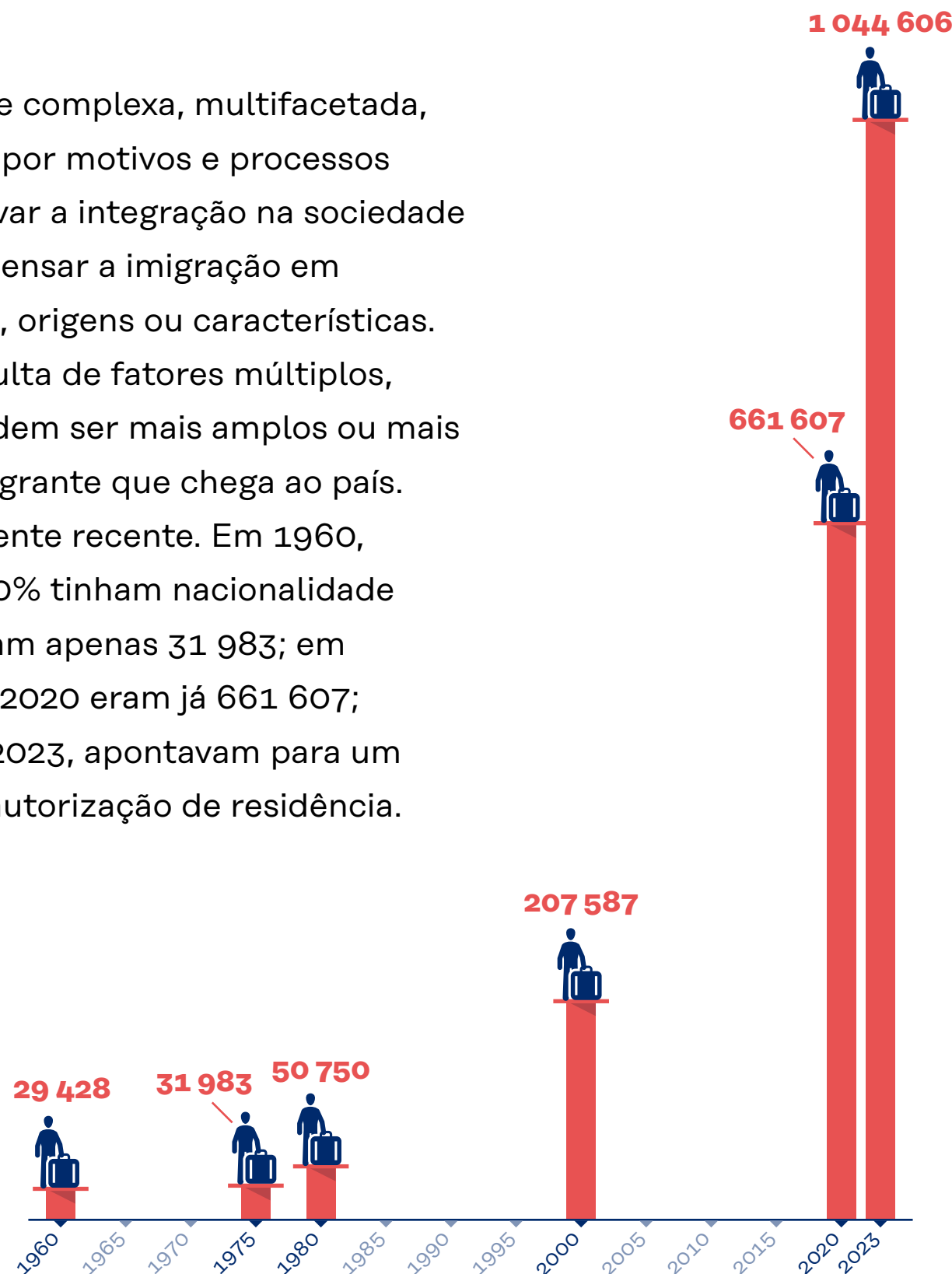
**1072
entrevistas**



Introdução

A imigração em Portugal constitui uma realidade complexa, multifacetada, marcada por diferentes estruturas sociodemográficas, por motivos e processos migratórios diversos e por variadas formas de perspetivar a integração na sociedade de acolhimento e o projeto migratório. Não é possível pensar a imigração em Portugal a partir de uma simplificação das suas causas, origens ou características. Na maior parte das vezes, a imigração em Portugal resulta de fatores múltiplos, históricos, económicos e sociais. Esses fatores, que podem ser mais amplos ou mais específicos, afetam de maneira única a vida de cada migrante que chega ao país.

A história da imigração em Portugal é relativamente recente. Em 1960, residiam em Portugal 29 428 estrangeiros, dos quais 40% tinham nacionalidade espanhola e 22% nacionalidade brasileira. Em 1975, eram apenas 31 983; em 1980 eram 50 750; em 2000 atingiram os 207 587; em 2020 eram já 661 607; os últimos dados conhecidos, respeitantes ao final de 2023, apontavam para um total de 1 044 606 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência.



INTRODUÇÃO

O crescimento da imigração em Portugal tem sido muito rápido ao longo das duas últimas décadas, com uma aceleração pronunciada após 2015. Isso tem gerado um grande desafio para a sociedade portuguesa, que precisa de aprender rapidamente a relacionar-se com a população estrangeira e a integrá-la num ajustamento mútuo.

O inquérito realizado para a Fundação Francisco Manuel dos Santos teve como principal objetivo auscultar as perceções, opiniões e atitudes da população portuguesa relativamente à imigração e aos imigrantes, um tema central e cada vez mais relevante no contexto social e económico português. A pesquisa procura não apenas quantificar a opinião sobre o número ideal de imigrantes no país, mas também explorar de forma mais aprofundada as perceções em função da origem geográfica dos mesmos, incluindo imigrantes da Europa de Leste, de África, do Brasil, da China, do subcontinente indiano, entre outros. Além disso, o estudo visa analisar a perceção dos cidadãos portugueses acerca do impacto que a imigração e os imigrantes têm na sociedade portuguesa, nomeadamente em áreas como o mercado de trabalho, as contribuições para a Segurança Social e os seus efeitos percebidos sobre o emprego, os salários ou a criminalidade.

Outro objetivo importante do inquérito é o de compreender a perceção social do nível de integração dos imigrantes na sociedade portuguesa, comparando as suas condições de vida — acesso ao emprego, saúde, educação, justiça e habitação — com as dos nacionais portugueses. O estudo também aborda as interações diretas entre cidadãos portugueses e imigrantes e as estimativas dos

primeiros sobre a magnitude da presença de imigrantes em Portugal. Além disso, foca-se na análise das atitudes da população em relação às políticas de imigração, desde o grau de abertura ou restrição que consideram adequado até à posição dos inquiridos sobre os direitos dos imigrantes, nomeadamente quanto ao acesso ao voto, à naturalização ou ao reagrupamento familiar.

Dois outros aspetos que enriquecem a análise deste barómetro são a comparação, sempre que possível, com dados de inquéritos anteriores (o que permite avaliar a evolução positiva ou negativa das atitudes dos portugueses neste campo) e a aferição da potencial influência dos vários fatores referidos como preditores das atitudes positivas ou negativas dos inquiridos. Ou seja: será que as atitudes dos portugueses se alteraram nos últimos anos? E o que explica esta evolução da perceção da imigração ou das atitudes face aos imigrantes?

Este relatório está estruturado de acordo com as grandes questões a que procuramos responder relativamente às perceções e atitudes dos portugueses face à imigração e aos imigrantes. Assim, começa por tentar compreender se, em geral, as perceções e atitudes dos inquiridos portugueses face à imigração e aos imigrantes são positivas ou negativas; se, neste quadro societal de enormes transformações, estamos a assistir a uma degradação das atitudes dos portugueses face à imigração e aos imigrantes; e se estas atitudes são uniformes

ou, pelo contrário, variam consoante os diferentes grupos de imigrantes a que se referem. Esta secção constitui a parte mais significativa do relatório. Posteriormente, procuramos perceber se estas atitudes dos portugueses estão associadas a posicionamentos políticos ou partidários ou se, por outro lado, estão relacionadas com sentimentos de privação e ressentimento, ou com uma insatisfação generalizada perante as condições de vida do próprio ou do país em geral (em comparação com as dos imigrantes ou de alguns grupos específicos de imigrantes). Finalmente, indagamos sobre a influência de outro conjunto de fatores que podem explicar estas atitudes, nomeadamente as perceções de ameaça, o sentimento de insegurança, o nível de contacto com imigrantes, os níveis de confiança nos «outros» e ideologias específicas.

Ao fornecer uma análise detalhada destas opiniões e atitudes, o estudo pretende criar uma base sólida para debate público e formulação de políticas que melhorem a convivência social e integrem adequadamente a população imigrante no país, promovendo assim um desenvolvimento social e económico equilibrado.

Como estão e como têm evoluído as atitudes dos portugueses face à imigração?

Apresentamos em seguida uma visão geral das diferentes perceções e atitudes dos inquiridos portugueses face à imigração e aos imigrantes, sempre que possível acompanhada por uma análise da sua evolução nas últimas duas décadas.

1

1.1. Aceitação e oposição à imigração (número ideal de imigrantes)

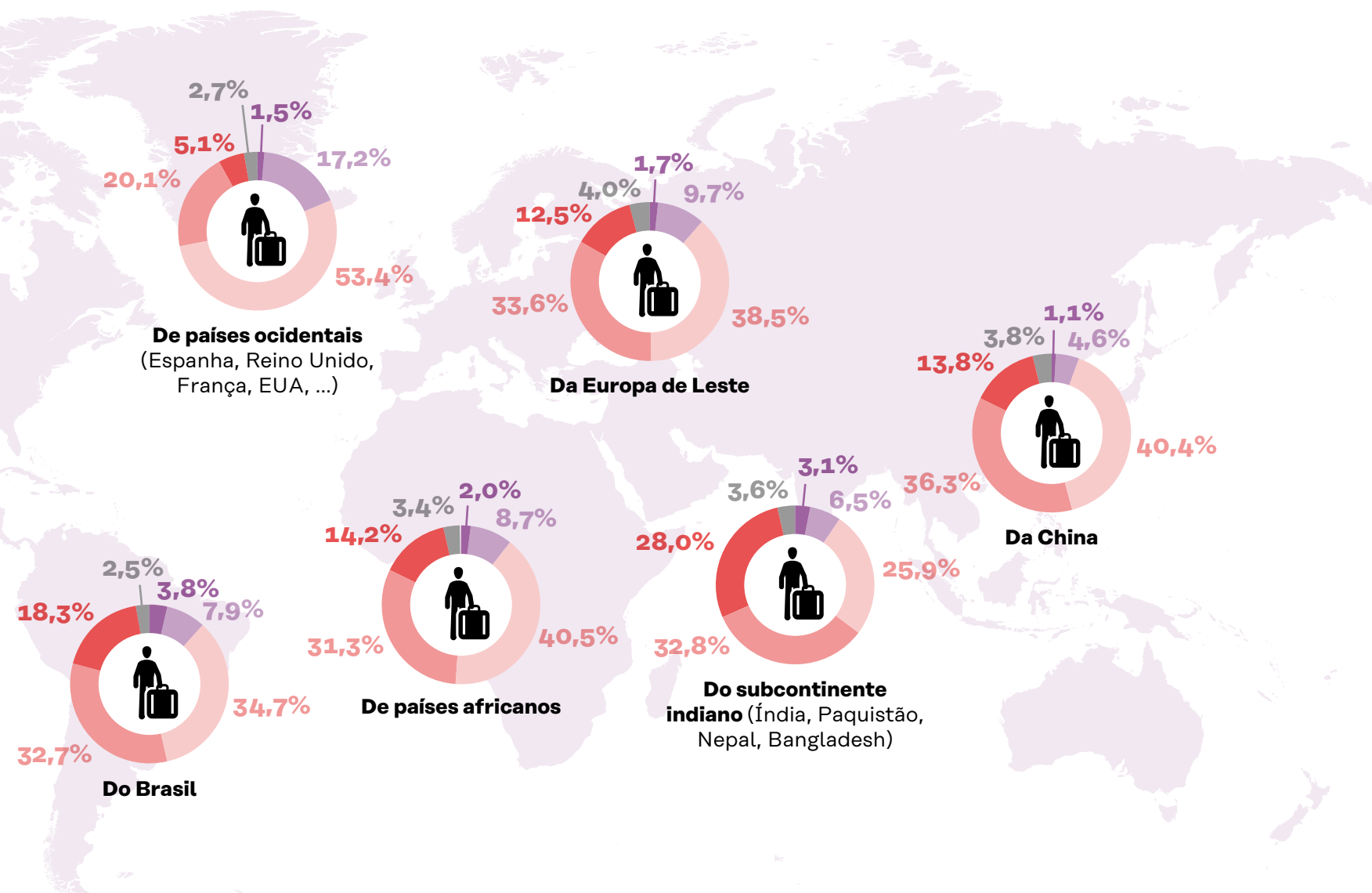
A aceitação ou oposição à imigração em Portugal pode ser medida através de um conjunto de questões que permitem captar a perceção diferenciada da imigração em Portugal de acordo com seis grupos-tipo de imigrantes: imigrantes da Europa de Leste, imigrantes de países ocidentais; imigrantes de países africanos; imigrantes do Brasil; imigrantes do subcontinente indiano; imigrantes da China.

O dado mais saliente é que seis em cada dez inquiridos (60,8%) consideram que o número de imigrantes do subcontinente indiano deve diminuir (32,8%) ou diminuir muito (28%). Este valor contrasta fortemente com a percentagem de inquiridos (25,2%) que consideram que o total dos imigrantes de países ocidentais deve diminuir/ diminuir muito e está, ainda assim, significativamente acima da metade de inquiridos que apoiam esta diminuição relativamente aos imigrantes do Brasil (51%) e aos imigrantes da China (50,1%). A oposição segmentada e diferenciada aos diferentes grupos-tipo de imigrantes surge assim de forma bem visível nesta síntese de respostas.

Figura 1

Aceitação e oposição à imigração por grupo-tipo de imigrantes

Na sua opinião, o número de imigrantes [...] em Portugal deveria...?



- Aumentar muito
- Aumentar
- Manter-se
- Diminuir
- Diminuir muito
- NS/NR

Os resultados obtidos permitem distinguir entre grupos de imigrantes com uma maior aceitação (os imigrantes de países ocidentais) e grupos de imigrantes com maior oposição (imigrantes do subcontinente indiano), havendo para os restantes grupos

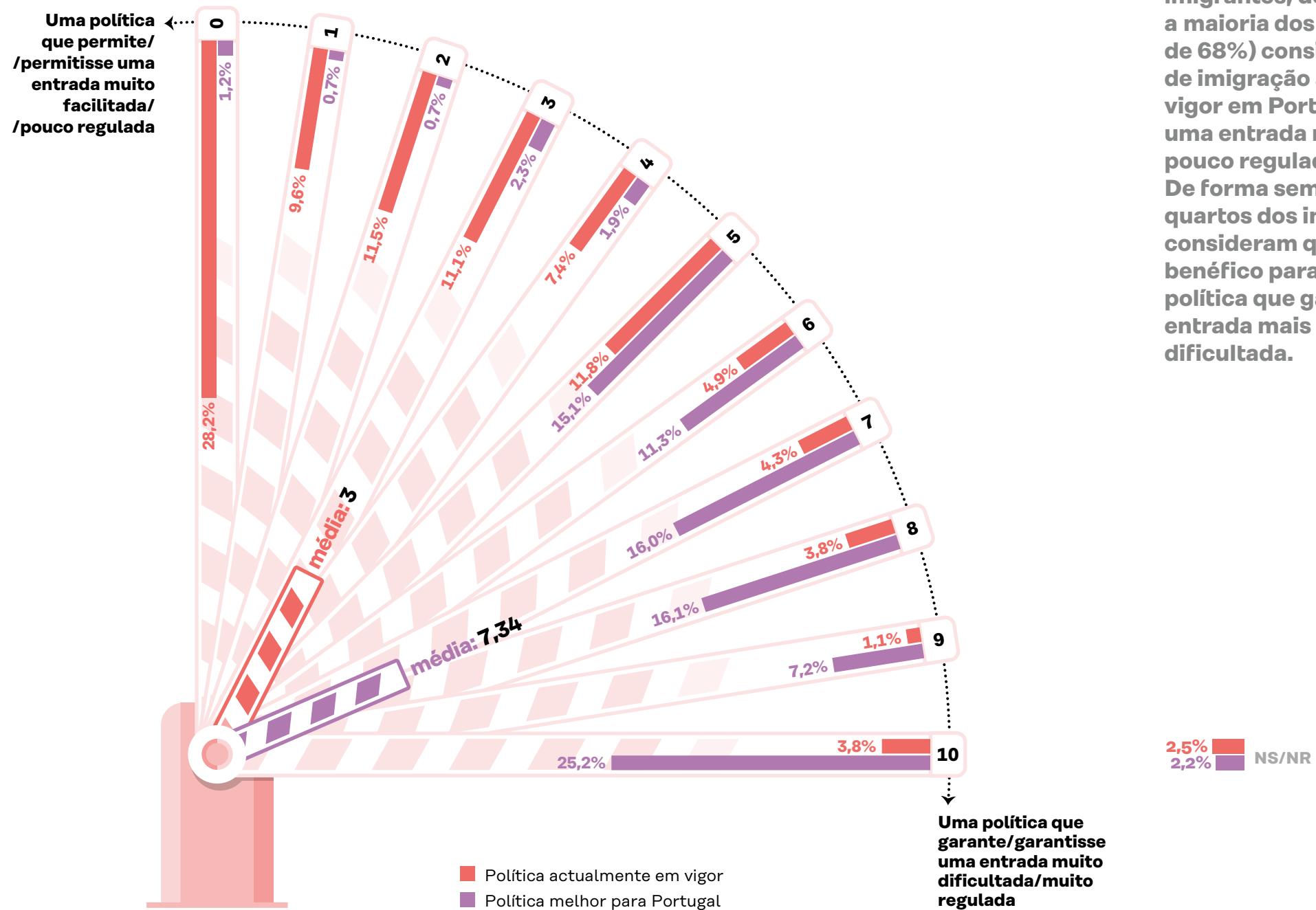
de imigrantes níveis de aceitação/oposição semelhantes entre si. Estes dados indicam que as atitudes em relação à imigração e aos imigrantes em Portugal não são uniformes, mas sim segmentadas e diferenciadas.

Figura 2

Que política de imigração?

Qual considera ser a política atualmente em vigor em Portugal?

E qual considera que seria a política melhor para Portugal neste momento?



Ainda que haja uma clara diferenciação por grupos de imigrantes, de uma forma geral, a maioria dos inquiridos (cerca de 68%) considera que a política de imigração atualmente em vigor em Portugal permite uma entrada muito facilitada e pouco regulada de imigrantes. De forma semelhante, três quartos dos inquiridos (75,8%) consideram que seria mais benéfico para Portugal uma política que garantisse uma entrada mais regulada/ dificultada.

1

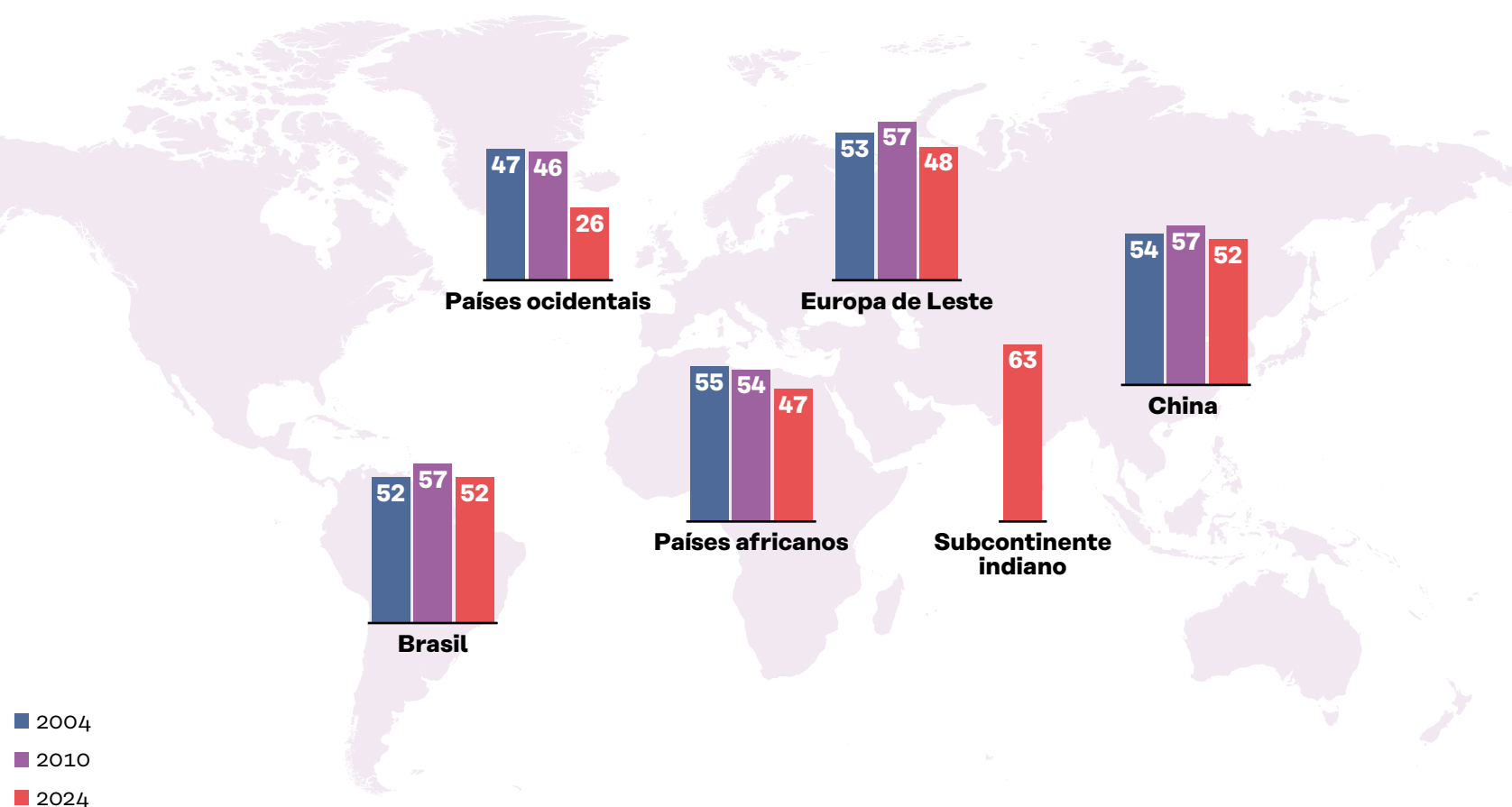
Sobre a evolução da atitude dos portugueses em relação ao número ideal de imigrantes em Portugal, há duas notas a reter. Foram realizados vários inquéritos incidindo sobre esta temática, destacando-se os dados recolhidos em 2004 (Lages *et al.*, 2006) e em 2010 (António e Policarpo, 2011). Por um lado, entre esses dois momentos temporais (2004 e 2010) não existiu diferença relevante nas respostas, ao contrário do atual inquérito, em que parece observar-se uma redução significativa no número de inquiridos que desejam uma diminuição do número de imigrantes (Figura 3). Dito de outro modo, face a esses inquéritos anteriores, não se observa um desejo de diminuição da imigração.

Por outro lado, dados do Inquérito Social Europeu (European Social Survey, 2022) — mais uma fonte de dados, mas que não permite uma comparação verdadeiramente fidedigna, porque tem uma seleção distinta de grupos-tipo de imigrantes — indicam que os valores de oposição à imigração têm vindo a diminuir desde 2014, tendo-se observado uma inversão (isto é, uma subida da oposição) pela primeira vez no período de pandemia, tendência essa que parece ter-se acentuado em 2023 (data da última recolha disponível — *Round 11*). Ou seja, ainda que os valores de oposição à imigração sejam inferiores em 2024, por comparação com 2004 e 2010, é plausível que estes níveis de oposição tenham diminuído de forma contínua a partir de 2014, apresentando agora uma trajetória de crescimento que importa acompanhar no futuro.

Sublinhe-se, porém, que as atitudes em relação aos imigrantes do subcontinente indiano foram medidas pela primeira vez em 2024, já que, anteriormente, este grupo não tinha presença significativa no país, não fazendo parte dos principais grupos-tipo de imigrantes. Nesta primeira avaliação, observou-se uma oposição extremamente elevada, superior à de todos os outros grupos e atingindo níveis não registados nas décadas anteriores.

Figura 3

Evolução das percentagens de inquiridos que consideram que o número de imigrantes deve diminuir/diminuir muito, por grupo de imigrantes (2004, 2010, 2024)*



* As percentagens utilizadas nesta figura foram recalculadas incluindo as percentagens de não-respostas, diferindo assim ligeiramente dos valores apresentados na Figura 1. Esta abordagem estatística aplica-se a todas as comparações longitudinais deste relatório.

Fonte: Lages *et al.*, 2006; António e Policarpo, 2011; atual inquérito 2024.

1.2. Imigração: oportunidade ou ameaça?

Considerando as potenciais oportunidades trazidas pelos imigrantes para o país, mais de dois terços dos inquiridos (68%) concordam que os imigrantes são fundamentais para a vida económica do país, um valor que representa uma subida ligeira em relação a 2010 (61%). Por contraste, apenas um terço consideram que os imigrantes contribuem mais para a Segurança Social do que aquilo que recebem, um valor que se manteve estável em relação a 2010.

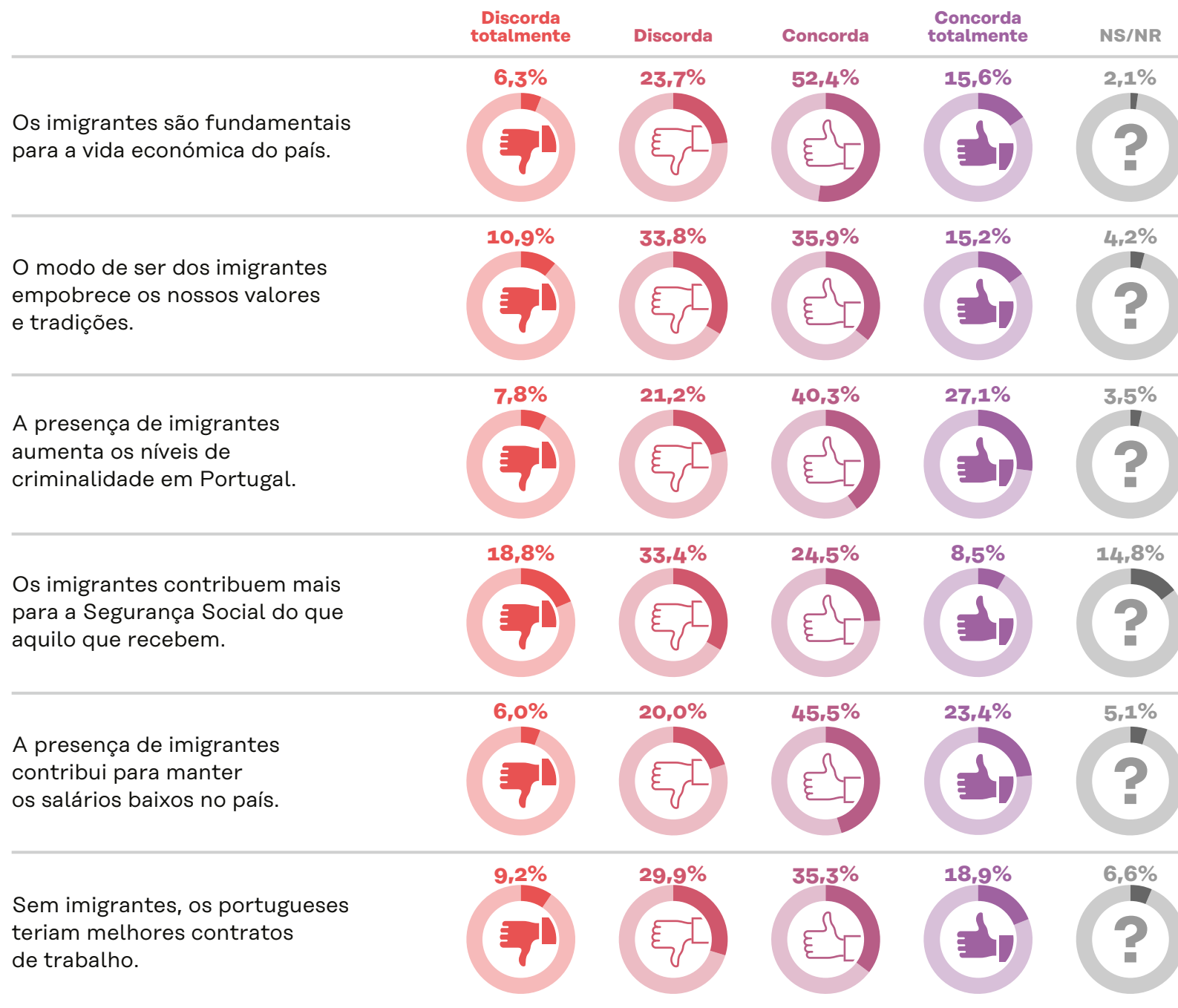
Por outro lado, um pouco mais de metade dos inquiridos (51%) consideram que os imigrantes constituem uma ameaça simbólica, no sentido em que empobrecem os valores e as tradições portuguesas. Esta percentagem representa um aumento considerável relativamente a 2010, quando pouco mais de um quarto dos inquiridos (28%) percecionavam essa ameaça. Ainda que as perceções de ameaça simbólica tenham aqui sido medidas em relação aos imigrantes em geral, é possível que o aumento relativo a este tipo de ameaça se deva à maior presença de imigrantes do subcontinente indiano. De facto, este padrão é consistente com os resultados de Hainmueller e Hopkins (2014), que explicam que a perceção de ameaça simbólica é mais forte em relação a grupos percebidos como culturalmente distantes. E, como se poderá ver adiante, é relativamente aos imigrantes do subcontinente indiano que existem as maiores perceções de diferença cultural.

Ainda no campo das potenciais ameaças, mais de dois terços dos inquiridos acham que os imigrantes contribuem para o aumento da criminalidade (67,4%) e que contribuem para manter os salários baixos no país (68,9%). Finalmente, cerca de 54% dos entrevistados acreditam que a presença de imigrantes prejudica as oportunidades para que os nacionais portugueses consigam melhores contratos de trabalho.

Portanto, de um modo geral, e apesar de uma grande parte dos inquiridos valorizar o contributo fundamental dos imigrantes para a economia, a perceção dos portugueses relativamente à imigração parece ser mais de ameaça do que de oportunidade. A nível cultural, esta perceção de ameaça parece ter aumentado de forma muito significativa ao longo das últimas duas décadas. Os dados sobre perceções de semelhança e diferença, apresentados mais à frente neste relatório, poderão dar pistas sobre se há grupos específicos de imigrantes que são percecionados como contribuindo para esta sensação de ameaça e de «empobrecimento cultural».

Figura 4

Imigração: oportunidade ou ameaça?



Uma outra forma de perspetivar esta questão é perguntar se, no cômputo geral, os inquiridos veem mais vantagens ou mais desvantagens decorrentes da vinda de grupos específicos de imigrantes para Portugal.

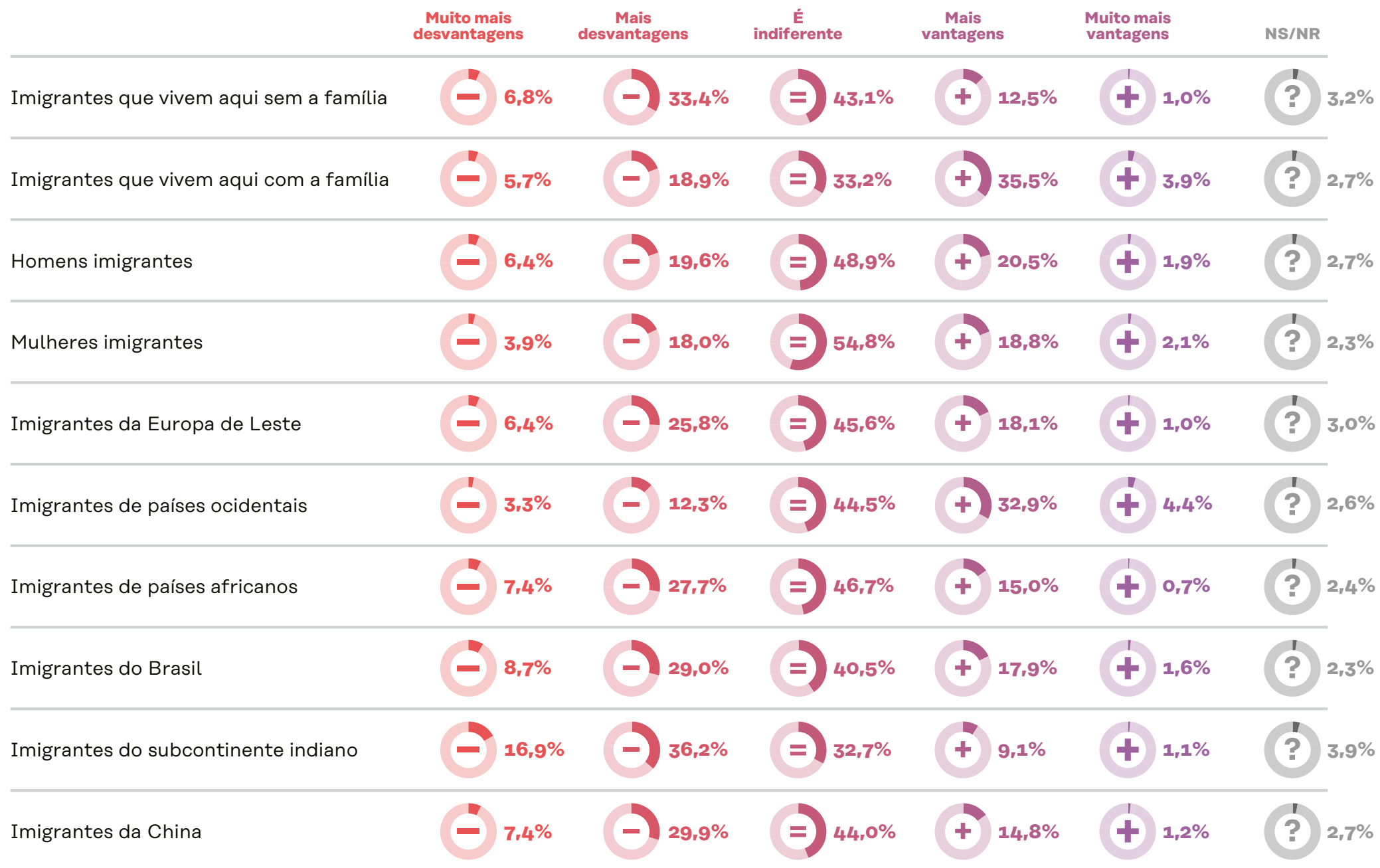
Como seria de prever, considerando os elevados níveis de oposição relativamente à vinda de imigrantes de países do subcontinente indiano, este é o grupo a cuja presença em território nacional os inquiridos mais associam desvantagens (53,1%). Por contraste, apenas 15,6% dos inquiridos associam desvantagens à vinda de imigrantes de países ocidentais. De facto, o grupo de «imigrantes de países ocidentais» é o único a cuja presença em território nacional os inquiridos associam mais vantagens (33%) ou muito mais vantagens (4,4%) do que desvantagens.

A dimensão familiar da imigração em Portugal e da sua integração social também parece estruturar a visão dos inquiridos sobre este aspeto, dado que, claramente, a presença de imigrantes é vista como mais vantajosa quando estes vivem acompanhados da família (39,4%) do que quando vivem sós (13,5%).

Por outro lado, não parece haver grande distinção na apreciação das vantagens ou desvantagens associadas a homens ou mulheres imigrantes, sendo que há, aliás, uma grande parte dos inquiridos que consideram que este aspeto é indiferente.

Figura 5**Imigração: vantagens e desvantagens da imigração por grupos-tipo**

Na sua opinião, de um modo geral, para Portugal a presença de [...] traz mais vantagens ou mais desvantagens?



1

1.3. Imigrantes: que direitos?

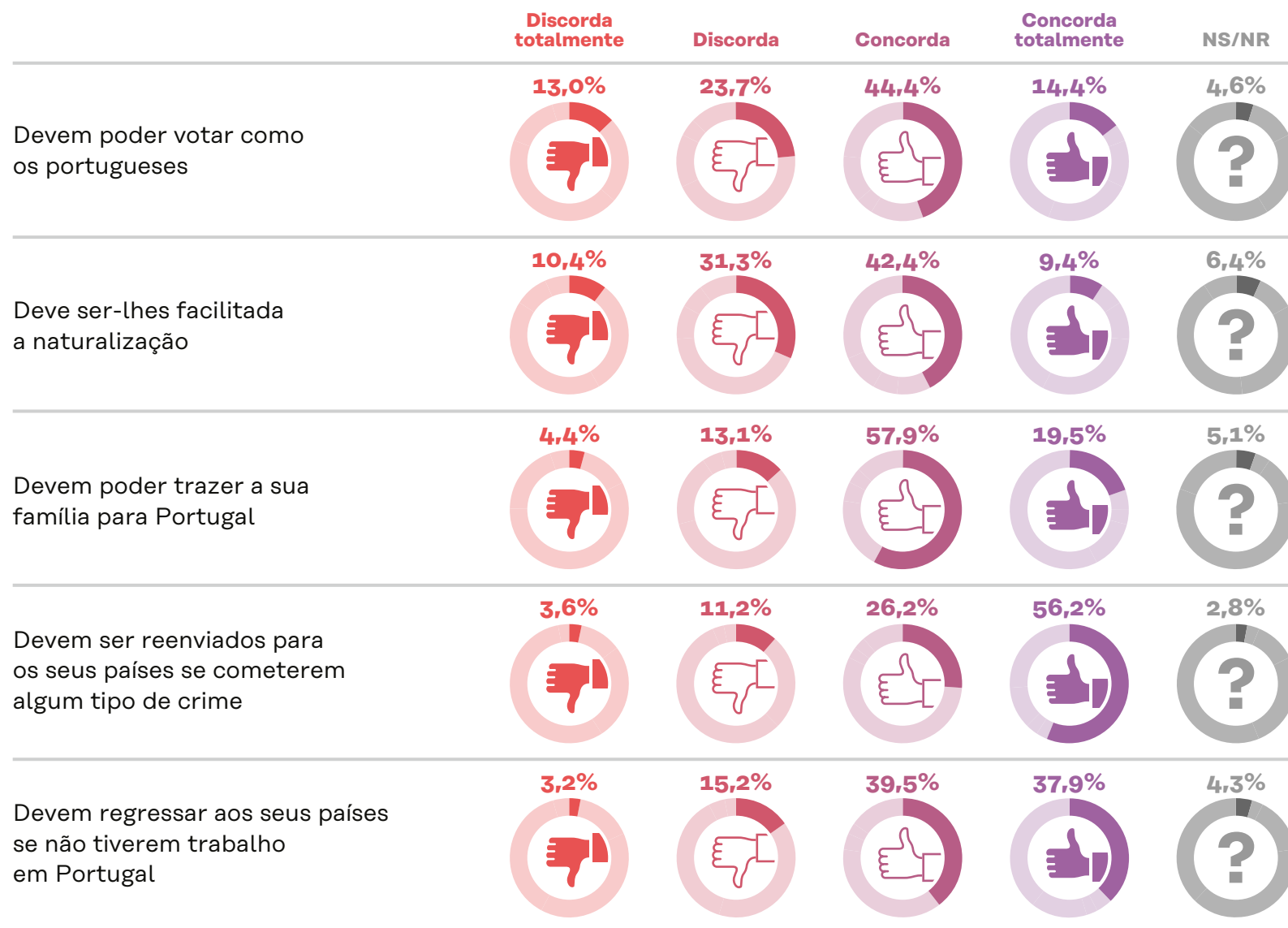
A maioria dos inquiridos considera que os imigrantes devem poder votar tal como os portugueses (58,8%), que lhes deve ser facilitada a naturalização (51,8%) e que devem poder trazer a sua família para Portugal (77,4%), neste último caso sublinhando a perceção da família como benéfica para a imigração e a integração social (Figura 7). Ainda assim, e relativamente a todos estes direitos, há uma diminuição desta tendência face ao que se verificava em 2010 no inquérito da Universidade Católica Portuguesa (António e Policarpo, 2011; Figura 6). Por outro lado, e de forma muito semelhante a 2010, há uma significativa maioria dos inquiridos que considera que os imigrantes devem regressar aos seus países se não tiverem trabalho (78%), acentuando a visão utilitária dos imigrantes como mão de obra e contribuintes económicos, os quais, ainda que possuam um estatuto legal, devem mesmo ser reenviados para os seus países se cometerem algum tipo de crime (82%) (Figuras 6 e 7).

1

Figura 6

Imigrantes: que direitos?

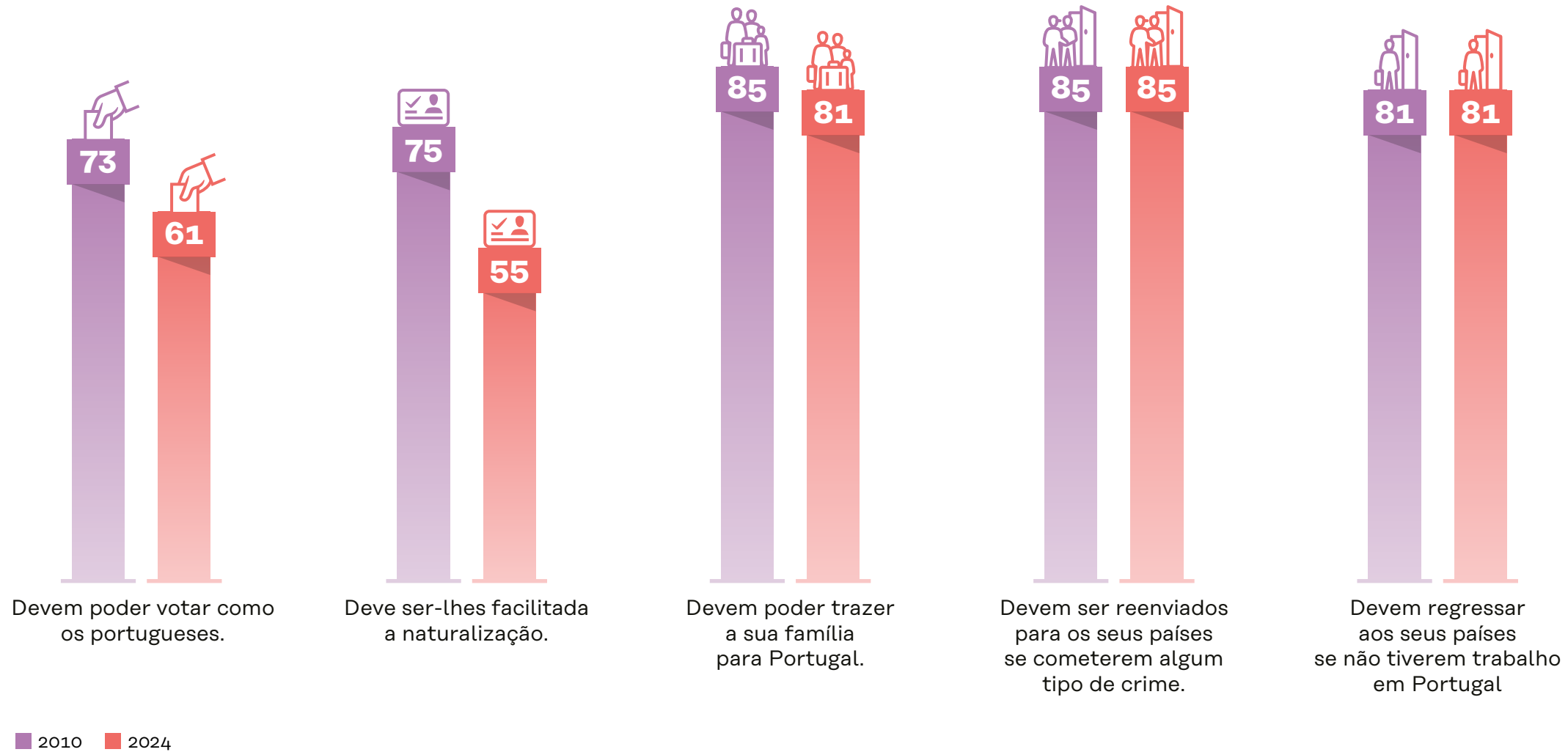
A respeito dos imigrantes a residir legalmente em Portugal, por favor indique em que medida concorda com as ou discorda das seguintes afirmações.



1

Figura 7

Percentagens de inquiridos que «concordam/concordam totalmente» com direitos e mecanismos de controlo dos imigrantes (2010 vs. 2024)

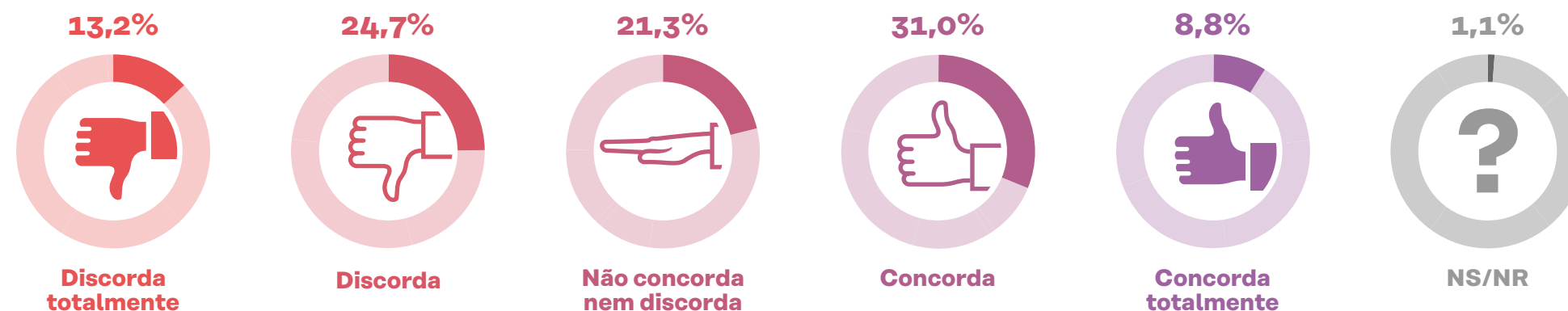


Relativamente ao direito de acesso a serviços e apoios sociais, a percentagem de inquiridos que concordam com a ideia de que os imigrantes devem ter os mesmos direitos que os portugueses (a partir do momento em que chegam ao país) é apenas muito ligeiramente superior à percentagem dos inquiridos que discordam (39,8% vs. 37,9%). Pouco mais de um quinto dos inquiridos não concordam nem discordam (Figura 8).

Figura 8

Atribuição de direitos à chegada?

Por favor, indique em que medida concorda com a ou discorda da seguinte afirmação: «A partir do momento em que chegam, os imigrantes devem ter os mesmos direitos que os portugueses em matéria de serviços e apoios sociais.»



1.4. Imigrantes: semelhantes ou diferentes nos usos e costumes?

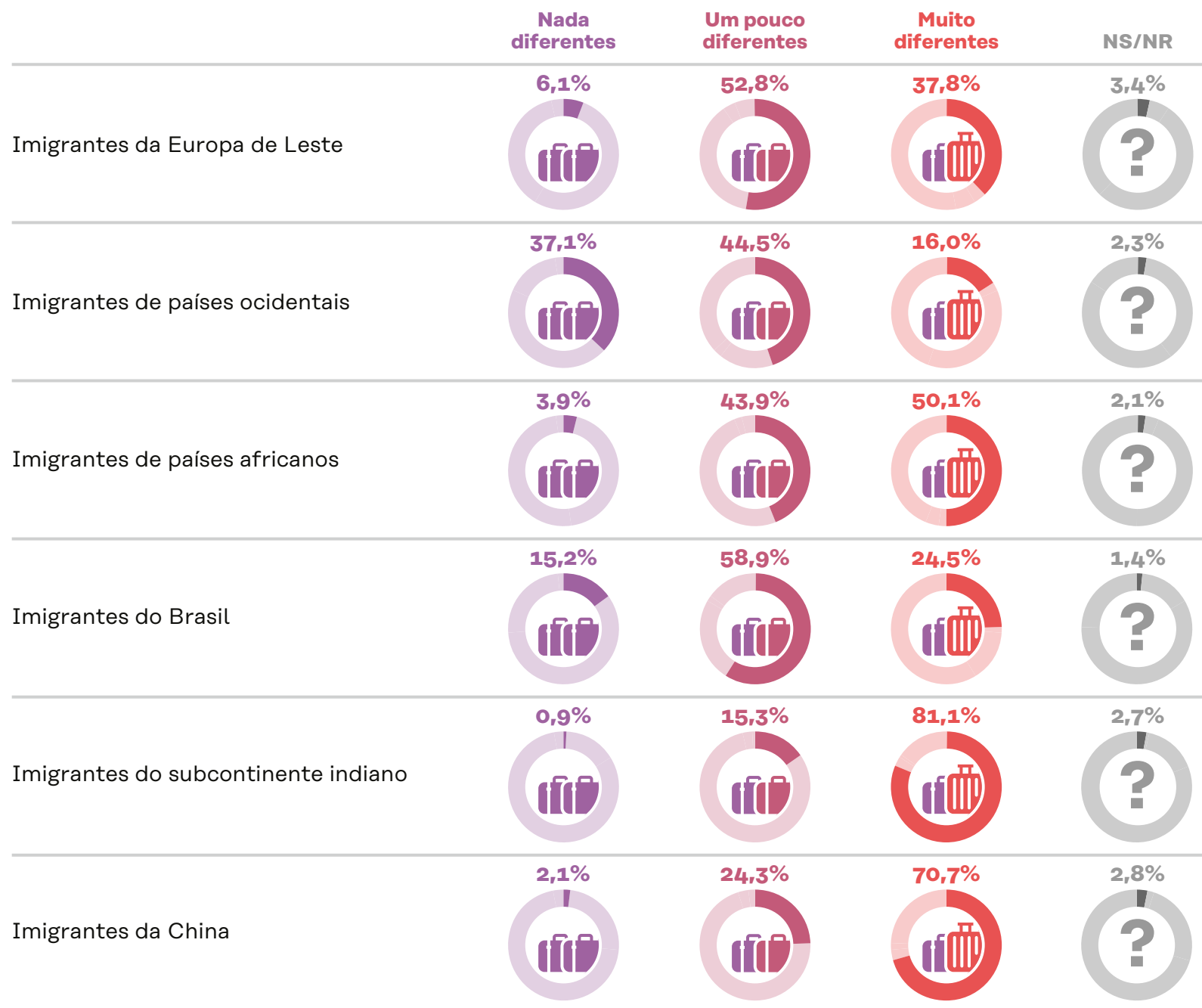
A visão dos inquiridos relativamente às semelhanças e diferenças entre portugueses e imigrantes em termos de usos e costumes é, tal como outras perceções anteriormente descritas, segmentada e diferenciada face às diferentes origens dos grupos-tipo de imigrantes. Também na senda de dados que apresentámos anteriormente, o grupo de imigrantes do subcontinente indiano volta a destacar-se em relação aos restantes grupos-tipo — neste caso, como o grupo-tipo considerado muito diferente pela maior proporção de inquiridos (81,1%). Em posição quase diametralmente oposta, aparecem os imigrantes de países ocidentais, que 81,6% dos inquiridos consideram nada ou pouco diferentes. Os imigrantes chineses são o segundo grupo mais considerado como muito diferente pelos inquiridos (70,7%). A perceção da diferença assume-se aqui como um preditor de uma menor aceitação social destes grupos.

Quanto aos imigrantes da Europa de Leste, do Brasil ou de países africanos, estes são percecionados como estando em níveis intermédios de diferença, ainda que os imigrantes brasileiros sejam vistos como significativamente menos diferentes do que os imigrantes de países africanos. Comparando com os dados de 2010 (António e Policarpo, 2011), quando apenas foram recolhidos dados para estes três grupos, só se observou um aumento significativo na perceção de diferença relativamente aos imigrantes de países africanos (sendo que, em 2010, 42% dos inquiridos percecionavam os imigrantes de países africanos como «muito diferentes», por comparação com os 51% de inquiridos em 2024).

Figura 9

Imigrantes: semelhantes ou diferentes nos usos e costumes?

Se comparar os imigrantes [...] com os portugueses no que respeita a usos e costumes, considera-os muito, um pouco, ou nada diferentes?



Qual a relação entre posicionamento político e partidário e atitudes face à imigração?

2.1. Esquerda-direita e atitudes face à imigração

Procurámos averiguar se a posição dos inquiridos no espectro político — medida numa escala de 0 (esquerda) a 10 (direita) — está associada às suas posições face à imigração e aos imigrantes, nomeadamente em termos de oposição à imigração, concordância com direitos políticos e sociais e mecanismos de controlo da imigração. Para isso, conduzimos análises de correlação (correlação de Pearson). A análise de correlação é uma ferramenta estatística que permite perceber a magnitude da associação entre duas variáveis (sem, no entanto, controlar o efeito de outras variáveis que possam explicar essa relação). O significado da direção (positiva ou negativa) da correlação depende das escalas de resposta aos itens (indicadas junto aos quadros). A título de exemplo, no Quadro 1, uma correlação positiva indica que, quanto mais uma pessoa se coloca à direita no espectro político, mais se opõe à vinda de imigrantes do grupo específico indicado no quadro.

Os resultados indicam uma clara relação, que se traduz no facto de um posicionamento mais à direita estar associado a uma maior oposição à imigração (ainda que só relativamente a imigrantes de países africanos e do subcontinente indiano; ver Quadro 1), a uma menor concordância com direitos dos imigrantes

(Quadro 2) — por exemplo, pessoas que se colocam mais à direita do espectro político têm uma menor tendência para concordar com a ideia de que se deve facilitar a naturalização de imigrantes — e a uma posição mais musculada relativamente aos mecanismos de controlo da imigração (Quadro 3) — por exemplo, quanto mais de direita a pessoa diz ser, mais concorda com a ideia de que a política de imigração deveria ser mais regulada e mais dificultada a entrada de imigrantes.

Quadro 1

Posicionamento político esquerda-direita e oposição à imigração

GRUPO DE IMIGRANTES	CORRELAÇÃO
Europa de Leste	-
Países ocidentais	-
Países africanos	.11*
Brasil	-
Subcontinente indiano	.11*
China	-

* correlação estatisticamente significativa a $p < .01$

Oposição à imigração: Número de imigrantes deve: 1 (Aumentar bastante) a 5 (Diminuir bastante)

Quadro 2

Posicionamento político esquerda-direita e nível de concordância com direitos

TIPO DE DIREITO	CORRELAÇÃO
Mesmos direitos que portugueses à chegada	-.13*
Direito de voto	-.11*
Naturalização facilitada	-.12*
Reagrupamento familiar	-.13*

* correlação estatisticamente significativa a $p < .01$

Todos os direitos medidos numa escala de 1 (Discordo totalmente) a 4 (Concordo totalmente), exceto o primeiro item — «A partir do momento em que chegam, os imigrantes devem ter os mesmos direitos que os portugueses em matéria de apoios sociais» — medido numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Quadro 3

Posicionamento político esquerda-direita e «controlo da imigração»

MECANISMO DE CONTROLO	CORRELAÇÃO
Política de imigração mais regulada	.23*
Repatriamento em caso de crime	.12*
Devem regressar se «sem trabalho»	.12*

* correlação estatisticamente significativa a $p < .01$

2.2. Voto em partido político e atitudes face à imigração

Considerando a influência consistente do posicionamento esquerda-direita, procurámos também analisar se o comportamento de voto em determinados partidos está associado a um padrão específico de atitudes face à imigração. Dado que o número de votantes por partido entre os inquiridos neste tipo de amostra é reduzido, optámos por comparar apenas as médias de atitudes face à imigração entre os votantes dos três partidos mais votados nas últimas eleições legislativas (AD, PS e CH).

As médias apresentadas no Quadro 4 estão associadas a letras, para uma indicação de quais as médias que se distinguem de forma estatisticamente significativa. Assim, médias que têm letras diferentes associadas são significativamente diferentes (em linha). Médias que têm associadas as duas letras (a,b) não se distinguem nem das médias associadas à letra a, nem das médias associadas à letra b. A título de exemplo, relativamente aos imigrantes da Europa de Leste, os votantes do CH têm uma média de oposição à imigração significativamente superior aos votantes do PS. Os votantes do PSD não se distinguem, relativamente a este grupo, nem dos votantes do CH nem dos votantes do PS.

Os resultados indicam uma associação consistente entre o comportamento de voto e atitudes face à imigração, que se traduz fundamentalmente em atitudes mais desfavoráveis à imigração entre os inquiridos que disseram ter votado no partido CHEGA (CH) nas legislativas de 2024, ainda que de forma menos consistente nos níveis de oposição à imigração (isto é, desejabilidade de redução do número de imigrantes).

As médias de oposição à imigração são consistentemente diferentes entre os votantes do CH e os votantes do PS (sendo superiores entre os primeiros), e as diferenças entre os votantes do CH e os votantes da AD assumem uma tendência para atitudes menos desfavoráveis entre votantes da AD, não sendo, no entanto, estatisticamente significativas (Quadro 4). Por exemplo, relativamente aos imigrantes da Europa de Leste, os votantes do CH têm uma média de oposição à imigração significativamente superior à dos votantes do PS. Os votantes do PSD não se distinguem, relativamente a este grupo, nem dos votantes do CH nem dos votantes do PS.

Relativamente aos direitos dos imigrantes e a mecanismos de controlo de imigração, os resultados são absolutamente consistentes, indicando que os inquiridos votantes do CH são mais relutantes relativamente à atribuição de direitos aos imigrantes (Quadro 5) e mais favoráveis a um controlo mais rígido e punitivo da mobilidade dos imigrantes (Quadro 6).

Quadro 4

Médias de oposição à imigração por grupo de imigrantes e por voto (partido político)

GRUPO DE IMIGRANTES	CH	AD	PS
Europa de Leste	3.7a	3.5ab	3.4b
Países ocidentais	3.1a	3.0a	3.1a
Países africanos	3.7a	3.4b	3.3ab
Brasil	3.8a	3.6ab	3.5b
Subcontinente indiano	4.1a	3.8ab	3.6a
China	3.8a	3.6a	3.5a

Letras diferentes indicam diferenças estatisticamente significativas em linha a $p < .05$ (Teste *t*). Uma média associada com as letras «ab» indica que não é significativamente diferente nem de uma média (a) nem da outra (b). Por exemplo, relativamente aos imigrantes da Europa de Leste, os votantes do CH têm uma média de oposição à imigração significativamente superior aos votantes do PS. Os votantes do PSD não se distinguem, relativamente a este grupo, nem dos votantes do CH nem dos votantes do PS.

Escala de resposta: Número de imigrantes deve: 1 (Aumentar bastante) a 5 (Diminuir bastante).

Quadro 5

Médias de concordância com direitos de imigrantes por voto (partido político)

	CH	AD	PS
Direitos a apoios sociais à chegada	2.3a	3.1b	3.2b
Direitos (voto, naturalização, reagrupamento familiar)	2.3a	2.8b	2.8b

Letras diferentes indicam diferenças estatisticamente significativas em linha a $p < .05$ (Teste *t*).

Escala de resposta para primeiro item (Direitos a apoios sociais à chegada): «A partir do momento em que chegam, os imigrantes devem ter os mesmos direitos que os portugueses em matéria de apoios sociais», medido numa escala de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente).

Restantes votos medidos numa escala de 1 (Discorda totalmente) a 4 (Concorda totalmente), em que valores mais elevados indicam maior concordância com a concessão destes direitos.

Quadro 6

Posições face ao controlo da imigração por voto (partido político)

	CH	AD	PS
Política de imigração melhor para Portugal	8.8a	7.4b	6.8b
Mecanismos de controlo	3.6a	3.3b	3.3b

Letras diferentes indicam diferenças estatisticamente significativas em linha a $p < .05$ (Teste *t*).

Escala de resposta para primeiro item (Política de imigração melhor para Portugal): «A política melhor para Portugal seria...», de 1 (Uma política que permite entrada muito facilitada) a 10 (Uma política que garante uma entrada muito dificultada).

Escala de resposta para segundo item (Mecanismos de controlo): 1 (Discordo totalmente) a 4 (Concordo totalmente) relativamente a «reenvio de imigrantes para o seu país quando cometem um crime» e «regresso de imigrantes ao seu país se não têm trabalho».

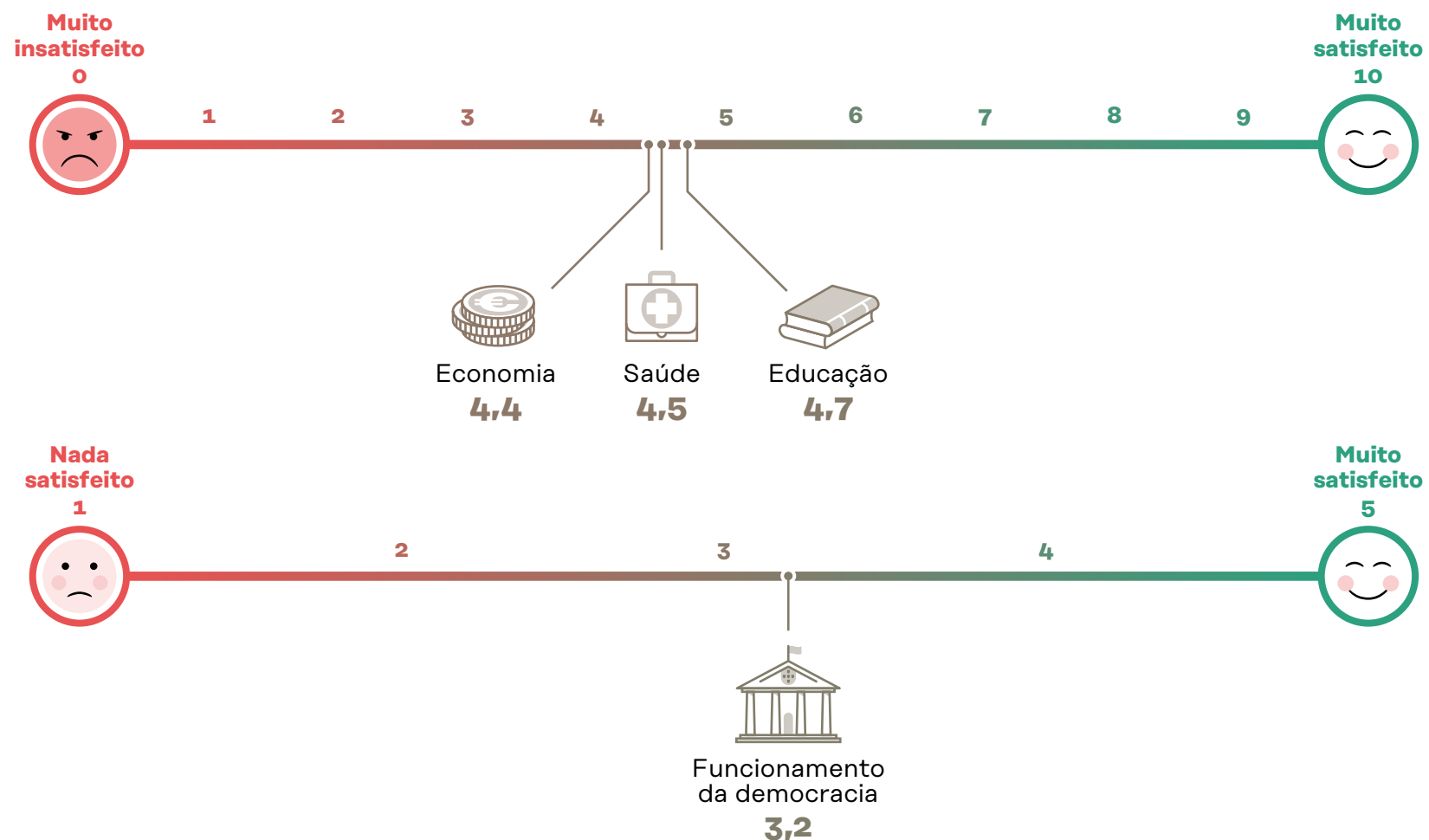
Qual o papel da privação, do ressentimento e da (in)satisfação com o país nas atitudes face à imigração?

A questão que colocamos nesta secção é se o que subjaz a atitudes negativas dos inquiridos portugueses face aos imigrantes são sentimentos de privação e ressentimento relacionados com uma insatisfação com a sua situação particular (ou com a situação dos portugueses em geral) em comparação com a situação dos imigrantes. Ou, a montante disso, haverá alguma relação entre o nível de satisfação dos inquiridos relativamente a diferentes dimensões da sociedade portuguesa (justiça, saúde, educação, democracia) e as suas posições face à imigração?

Aproveitamos, antes de mais, para descrever as perceções dos inquiridos relativamente a estes aspetos, começando pelos níveis de satisfação com as diferentes dimensões da sociedade portuguesa.

Relativamente aos níveis de satisfação dos inquiridos com as várias dimensões da sociedade portuguesa, podemos referir uma ligeira insatisfação generalizada, salvo no que toca ao funcionamento da democracia, que se apresenta num nível médio (Figura 10).

Figura 10
Nível de satisfação com [...] na sociedade portuguesa

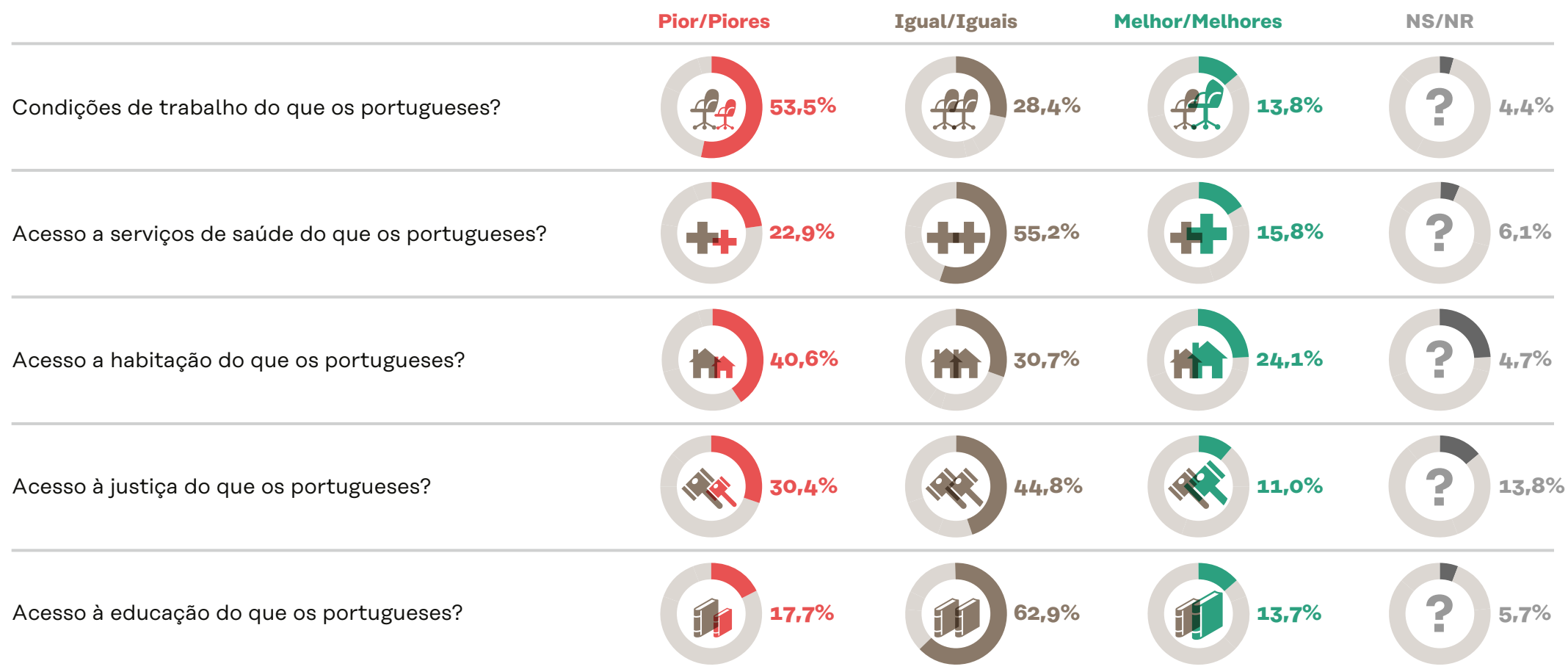


A maior parte dos inquiridos considera que os imigrantes têm condições de vida piores do que as dos portugueses em termos de trabalho (53,5%) e de acesso à habitação (40,6%). No entanto, a maior parte dos inquiridos sente que imigrantes e portugueses estão numa situação de igualdade relativamente a acesso a serviços de saúde (55,2%), acesso à justiça (44,8%) e acesso à educação (62,9%).

Figura 11

Condições de vida de imigrantes vs. portugueses

Pensando agora nas condições de vida dos imigrantes e dos portugueses, por favor responda às seguintes questões: os imigrantes em Portugal têm pior(es), igual(is) ou melhor(es)...

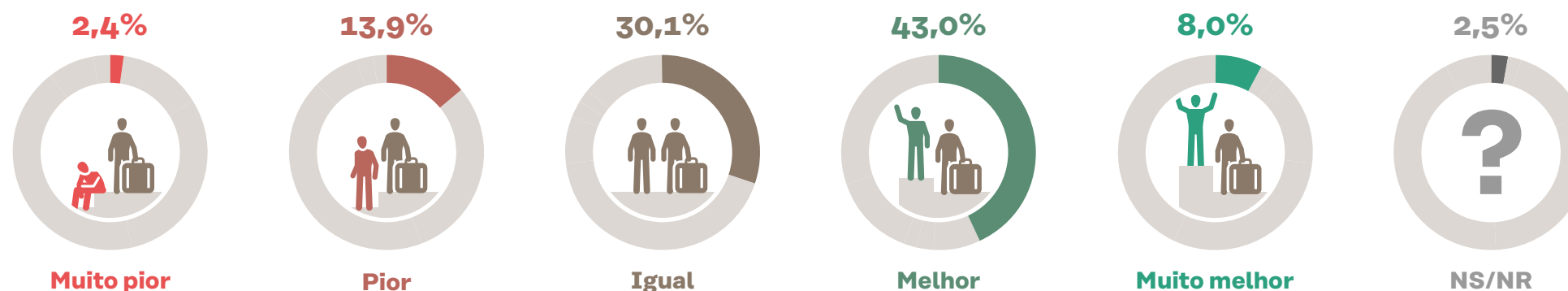


Por outro lado, quando se pergunta sobre a situação pessoal dos inquiridos relativamente à dos imigrantes, cerca de metade admitem estar numa situação mais favorável (51%) e apenas cerca de 16% sentem estar numa situação pior (Figura 12).

Figura 12

Comparação do nível de vida pessoal vs. imigrantes

Agora pensando em relação à sua situação pessoal, o seu nível de vida é muito pior, pior, igual, melhor ou muito melhor do que o dos imigrantes em geral?



Vejam os o potencial explicativo de cada uma destas dimensões para o entendimento das atitudes face à imigração.

Os níveis de satisfação com as várias dimensões da sociedade portuguesa são, de um modo geral, pouco informativos das atitudes face à imigração dos inquiridos. A exceção acontece com o nível de satisfação com o funcionamento da democracia em Portugal: os inquiridos que estão mais satisfeitos com a democracia em Portugal opõem-se menos à vinda de mais imigrantes, não defendem uma política de imigração muito rígida e são mais a favor da atribuição de direitos aos imigrantes (Quadro 7).

A percepção que os inquiridos têm das condições de vida dos imigrantes por comparação com as condições de vida dos portugueses é um preditor significativo de uma boa parte das atitudes desses inquiridos face à imigração. Essa influência reflete-se, nomeadamente, no facto de os inquiridos que mais consideram que as condições dos imigrantes são melhores do que as dos portugueses serem quem mais se opõe à vinda de mais imigrantes, quem é menos favorável à concessão de direitos aos mesmos e quem mais considera que seria melhor para Portugal que houvesse uma política de imigração que dificultasse a entrada de imigrantes. Lido numa outra perspetiva, os dados também podem indicar que os inquiridos que consideram que os imigrantes têm condições de vida piores são os mais favoráveis à vinda de imigrantes e mais a favor da concessão de direitos aos mesmos.

Esta análise também mostra que a percepção de desfavorecimento do nível de vida pessoal do inquirido em comparação com o dos imigrantes é menos relevante para a formação das suas atitudes face à imigração do que a sua percepção em relação aos portugueses como um todo. Ainda assim, quando esta comparação com o nível de vida dos imigrantes é um preditor significativo, tal revela que, quanto melhor o nível de vida do inquirido, menos este se opõe à vinda de imigrantes e mais favorável é à ideia de que estes tenham direitos como o direito ao voto, à naturalização e ao reagrupamento familiar.

Portanto, a percepção relativa às condições de vida dos imigrantes (por comparação com as condições de vida dos portugueses) e o nível de satisfação com o funcionamento da democracia são fatores significativamente explicativos das atitudes face à imigração. E o que os resultados relativamente a estes preditores

indicam é que, quanto mais os inquiridos consideram que os portugueses estão em melhores condições do que os imigrantes, e que a sociedade está numa situação positiva, pelo menos relativamente ao funcionamento da democracia, mais favoráveis tendem a ser as suas atitudes em relação à imigração. Tal é congruente com a ideia, largamente sustentada nas ciências sociais, de que as situações de crise são promotoras de atitudes mais desfavoráveis à imigração (Dennison e Geddes, 2019; Vogt Isaksen, 2019).

Quadro 7

Preditores de atitudes face à imigração (condições de vida e satisfação com sociedade portuguesa)

	OPOSIÇÃO À IMIGRAÇÃO	DIREITO A APOIOS SOCIAIS À CHEGADA	DIREITOS (VOTO, NATURALIZAÇÃO, REAGRUPAMENTO FAMILIAR)	POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO (ENTRADA DIFICULTADA)	MECANISMOS DE CONTROLO
Satisfação c/ economia	-	.10	-	-	-
Satisfação c/ saúde	-	-	-	-	-
Satisfação c/ educação	-	-	-	-	-
Satisfação com democracia	-.13	-	.18	-.12	-
Condições de vida de imigrantes vs. portugueses	.11	-.15	-.17	.09	-
Nível de vida pessoal vs. imigrantes	-.09	-	.09	-	-

Nota: Todos os coeficientes de associação indicados no quadro são estatisticamente significativos a $p < .01$ (análise de regressão múltipla).

Condições de vida: Os imigrantes têm 1 – piores, 2 – iguais, ou 3 – melhores condições do que os portugueses.

Nível de vida: O seu nível de vida é 1 – muito pior a 5 – muito melhor.

Satisfação com economia, saúde, educação: 1 (Muito insatisfeito) a 10 (Muito satisfeito)

Satisfação com funcionamento da democracia: 1 (Nada satisfeito) a 5 (Muito satisfeito).

Que outros fatores se relacionam com as atitudes dos portugueses face à imigração?

Este relatório assentou inicialmente na hipótese de que as posições políticas das pessoas e as suas perceções e sentimentos relativamente às condições de vida de portugueses e imigrantes e à situação do país teriam um forte potencial explicativo do que são as atitudes dos inquiridos face à imigração. Com esta última questão, considerámos um conjunto de outros fatores que também poderão servir como preditores destas atitudes, podendo ajudar-nos a perceber o porquê de algumas das posições dos portugueses face a estes fenómenos. Assim, nesta secção iremos avaliar a relação entre fatores como as perceções de ameaça (ou de oportunidade) que decorrem da imigração, o contacto com imigrantes, os sentimentos de segurança e confiança e o papel das ideologias (igualitarismo, meritocracia e racismo), por um lado, e as atitudes face à imigração, por outro.

4.1. O papel da percepção de ameaça

Como vimos anteriormente, de um modo geral, e apesar de uma grande parte dos inquiridos valorizar o contributo fundamental dos imigrantes para a economia, os inquiridos parecem ter uma maior percepção da imigração como uma ameaça (para a segurança, para a cultura, para o emprego) do que como uma oportunidade. A percepção de ameaça tem sido indicada como um fator determinante das atitudes face a imigrantes (Stephan *et al.*, 2005). Vejamos, nesta amostra, em que medida as percepções de ameaça estão associadas a atitudes mais negativas face à imigração.

Existem dois tipos de ameaça/oportunidade que se destacam como os mais importantes preditores de atitudes face à imigração nesta amostra. Por um lado, a ideia de que os imigrantes contribuem para o aumento dos níveis de criminalidade do país anda a par e passo com uma posição desfavorável à vinda de mais imigrantes, à concessão de direitos a esses mesmos imigrantes e muito associada a um desejo de uma política de imigração que dificulte a entrada de novos imigrantes e que os repatrie se cometerem um crime ou se não encontrarem trabalho.

Por outro lado, os inquiridos que consideram que os imigrantes contribuem mais para a Segurança Social do que aquilo que recebem são os mesmos que apresentam uma menor oposição à imigração, que não desejam uma política restritiva de imigração e que consideram que aos imigrantes devem ser concedidos importantes direitos políticos e sociais, bem como apoios desde o momento da sua chegada. Mais uma vez, e lendo de outra perspetiva, os dados também podem indicar que os inquiridos que não acreditam que os imigrantes são contribuintes

líquidos da Segurança Social são os que, simultaneamente, mais se opõem à imigração e à concessão de direitos aos imigrantes.

Quadro 8

Perceções de ameaça e oportunidades e atitudes face à imigração

	OPOSIÇÃO À IMIGRAÇÃO	DIREITO A APOIOS SOCIAIS À CHEGADA	DIREITOS (VOTO, NATURALIZAÇÃO, REAGRUPAMENTO FAMILIAR)	POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO (ENTRADA DIFICULTADA)	MECANISMOS DE CONTROLO
Imigrantes fundamentais para a economia	-.14	.18	.25	.	-
Modo de ser de imigrantes empobrece cultura	-	-	-.11	-	-
Imigrantes aumentam criminalidade	.13	.	-.13	.21	.23
Imigrantes contribuintes líquidos Seg. Social	-.18	.27	.13	-.22	-.14
Imigrantes baixam salários	-	-.11	-	-	-
Imigrantes pioram contratos de trabalho	.14	-	.	-.1	-

Nota: Todos os coeficientes de associação indicados no quadro são estatisticamente significativos a $p < .01$ (análise de regressão múltipla).

4.2. O papel do contacto com imigrantes

Um aspeto frequentemente referido como determinante para as relações positivas entre grupos sociais é o contacto e salutar convívio entre estes (Pettigrew *et al.*, 2011). As hipóteses de contacto dependem, naturalmente, do número de imigrantes no país e, nesse sentido, associado à importância do contacto, também discutimos aqui o papel da perceção que os inquiridos portugueses têm do número de imigrantes existentes no país. Vejamos, antes de mais, como estes dois aspetos se caracterizam do ponto de vista descritivo nesta amostra.

De um modo geral, os inquiridos reportam níveis reduzidos de contacto com imigrantes, sendo que mais de metade (52,5%) não tem contacto com nenhum ou tem apenas contacto com poucos imigrantes.

Ainda assim, é curioso notar que este nível reduzido de contacto contrasta com uma estimativa inflacionada do número de imigrantes em Portugal. Apesar de não ser possível quantificar com exatidão a percentagem de imigrantes em Portugal, estes dificilmente ultrapassarão cerca de 10% a 12% da população total, podendo-se assim dizer que há, no mínimo, 42% de inquiridos que sobrestimam a sua presença no país. De referir ainda que os dados não indicam a existência de uma relação entre estas duas variáveis. Ou seja, não é por uma pessoa ter pouco (ou muito) contacto com imigrantes que tem uma estimativa mais ou menos inflacionada da percentagem de imigrantes em Portugal.

Figura 13

Contacto com imigrantes

Considerando os seus vizinhos, colegas e pessoas que encontra na rua, diria que no seu dia a dia conversa com...

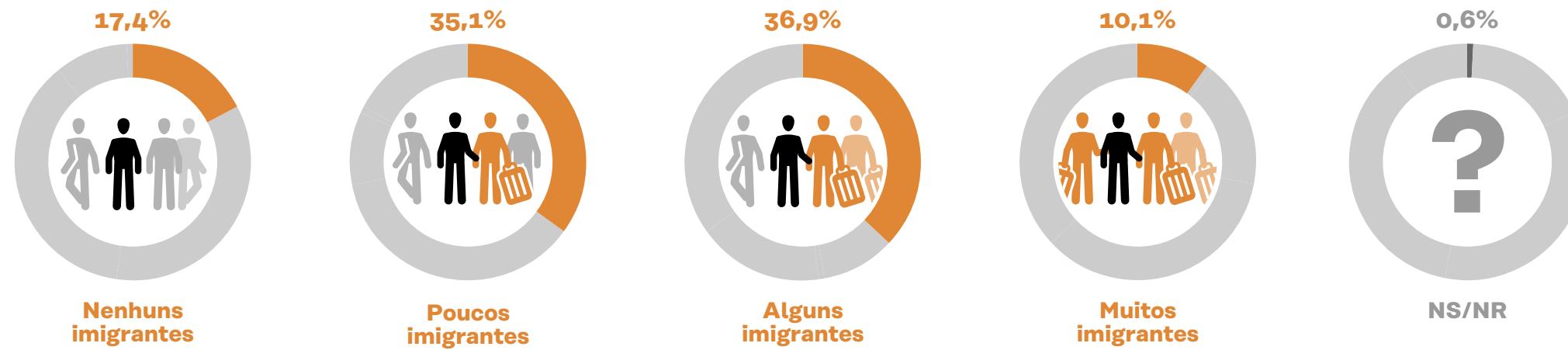
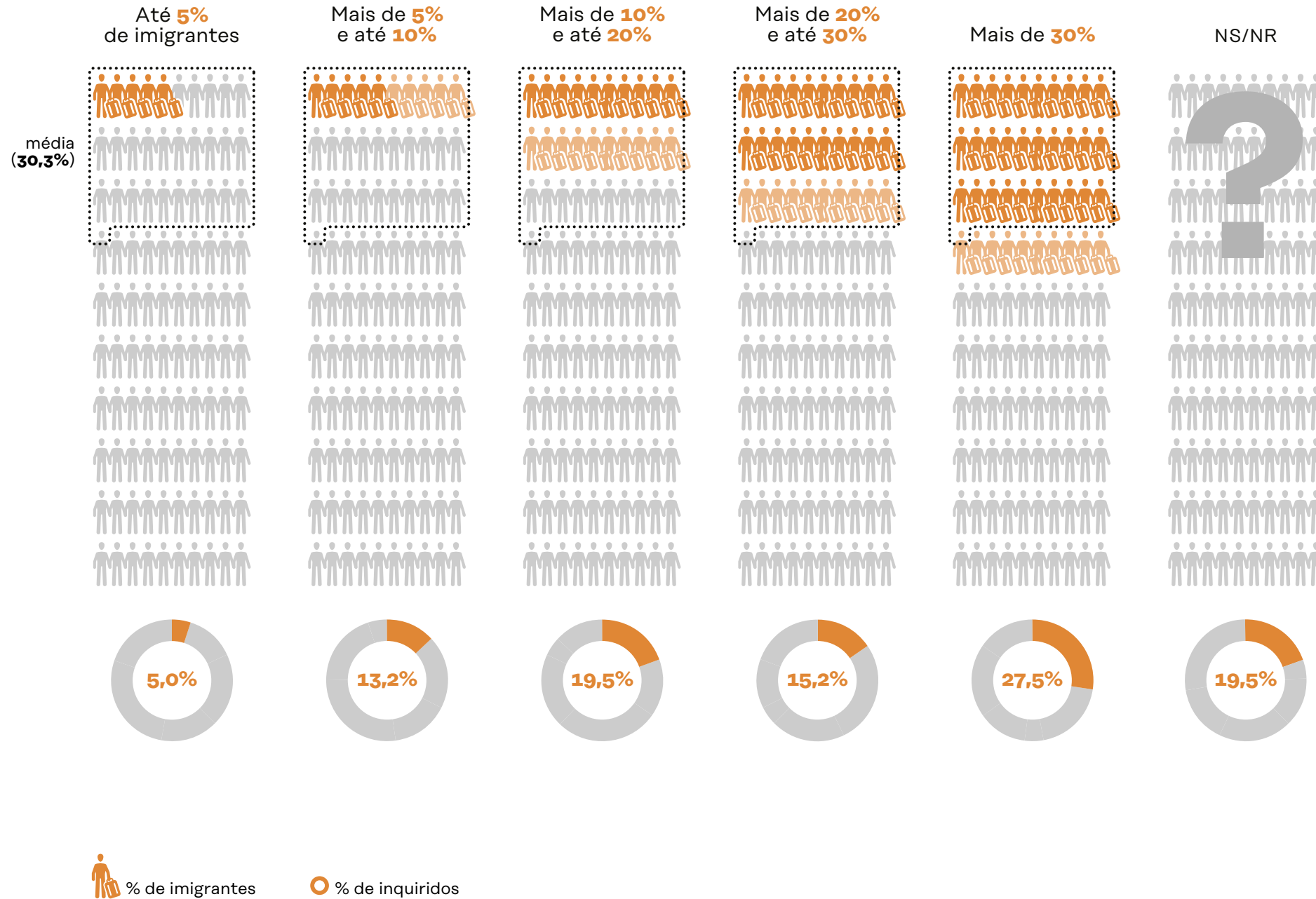


Figura 14

Estimativa do número de imigrantes

Qual acha que é a percentagem de imigrantes a viver em Portugal? Isto é, imagine que em Portugal vivem 100 pessoas. Destas 100, quantas diria que são imigrantes?



Os dados mostram que a magnitude do contacto com imigrantes não é um preditor importante das atitudes face à imigração. Ainda que tal resultado não vá ao encontro do que a literatura científica mostra, é de realçar que essa mesma literatura salienta a importância da qualidade do contacto e as condições em que este acontece — aspeto não contemplado nesta inquirição.

Por outro lado, os dados revelam o papel significativo da perceção do número de imigrantes no país. De facto, quanto mais imigrantes o inquirido julga existirem no país, mais desfavoráveis são as suas atitudes face à imigração e aos direitos dos imigrantes. Este resultado reveste de particular importância o facto acima mencionado sobre o forte enviesamento (por excesso) na perceção sobre o número de imigrantes em Portugal.

Quadro 9

Contacto e estimativa de número de imigrantes e atitudes face à imigração

	OPOSIÇÃO À IMIGRAÇÃO	DIREITO A APOIOS SOCIAIS À CHEGADA	DIREITOS (VOTO, NATURALIZAÇÃO, REAGRUPAMENTO FAMILIAR)	POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO (ENTRADA DIFICULTADA)	MECANISMOS DE CONTROLO
Contacto com imigrantes	-	-	-	-	-
Estimativa número imigrantes	.20	-.10	-.10	.20	.18

Nota: Todos os coeficientes de associação indicados no quadro são estatisticamente significativos a $p < .01$ (análise de regressão múltipla).

4.3. O papel do sentimento de segurança e da confiança

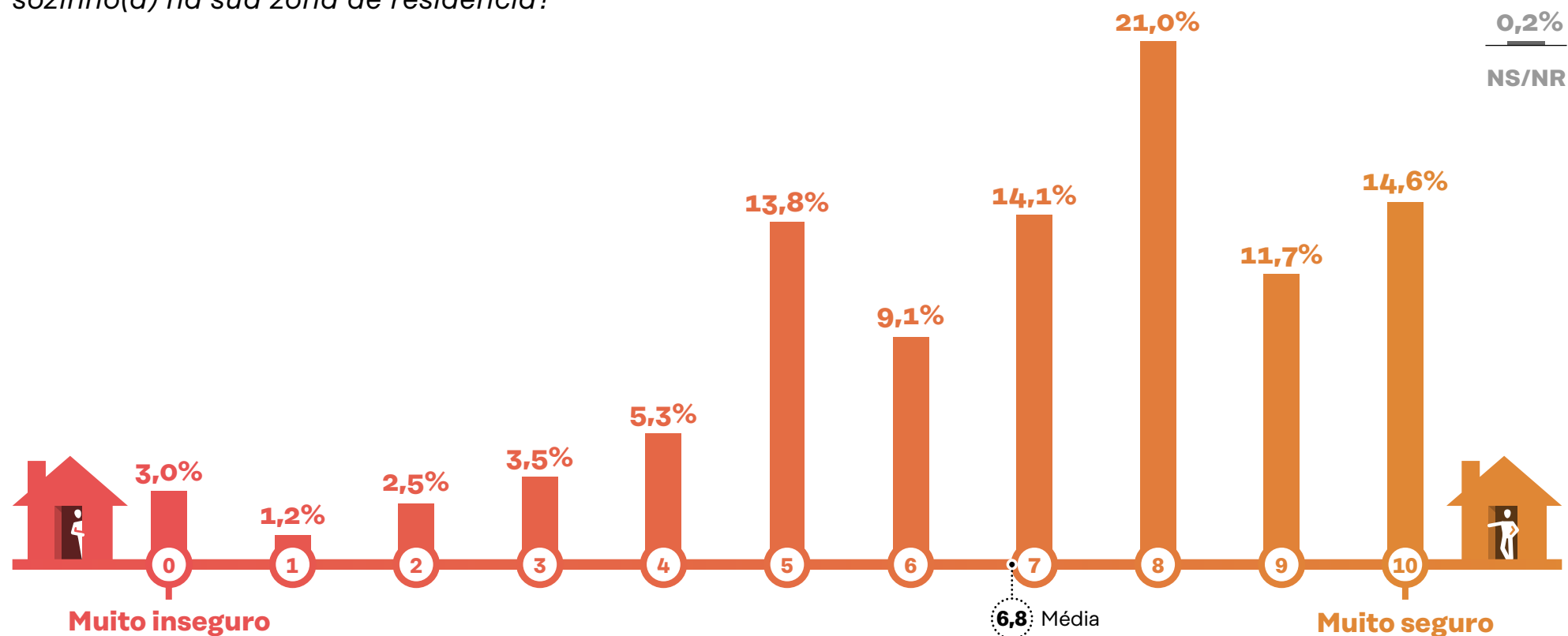
As atitudes face a grupos que vêm de fora são com frequência influenciadas por sentimentos de (in)segurança e determinados pelo nível de confiança que as pessoas sentem nos outros (Pellegrini *et al.*, 2021). Vejamos, antes de mais, os níveis de percepção de segurança e de confiança interpessoal entre os inquiridos desta amostra.

Mais de metade dos inquiridos têm um sentimento de segurança francamente elevado (70% indicam um sentimento acima do ponto médio da escala). É, no entanto, importante referir que este sentimento de segurança se refere à zona de residência.

Figura 15

Sentimento de segurança na zona de residência

Qual o nível de segurança que sente quando anda sozinho(a) na sua zona de residência?

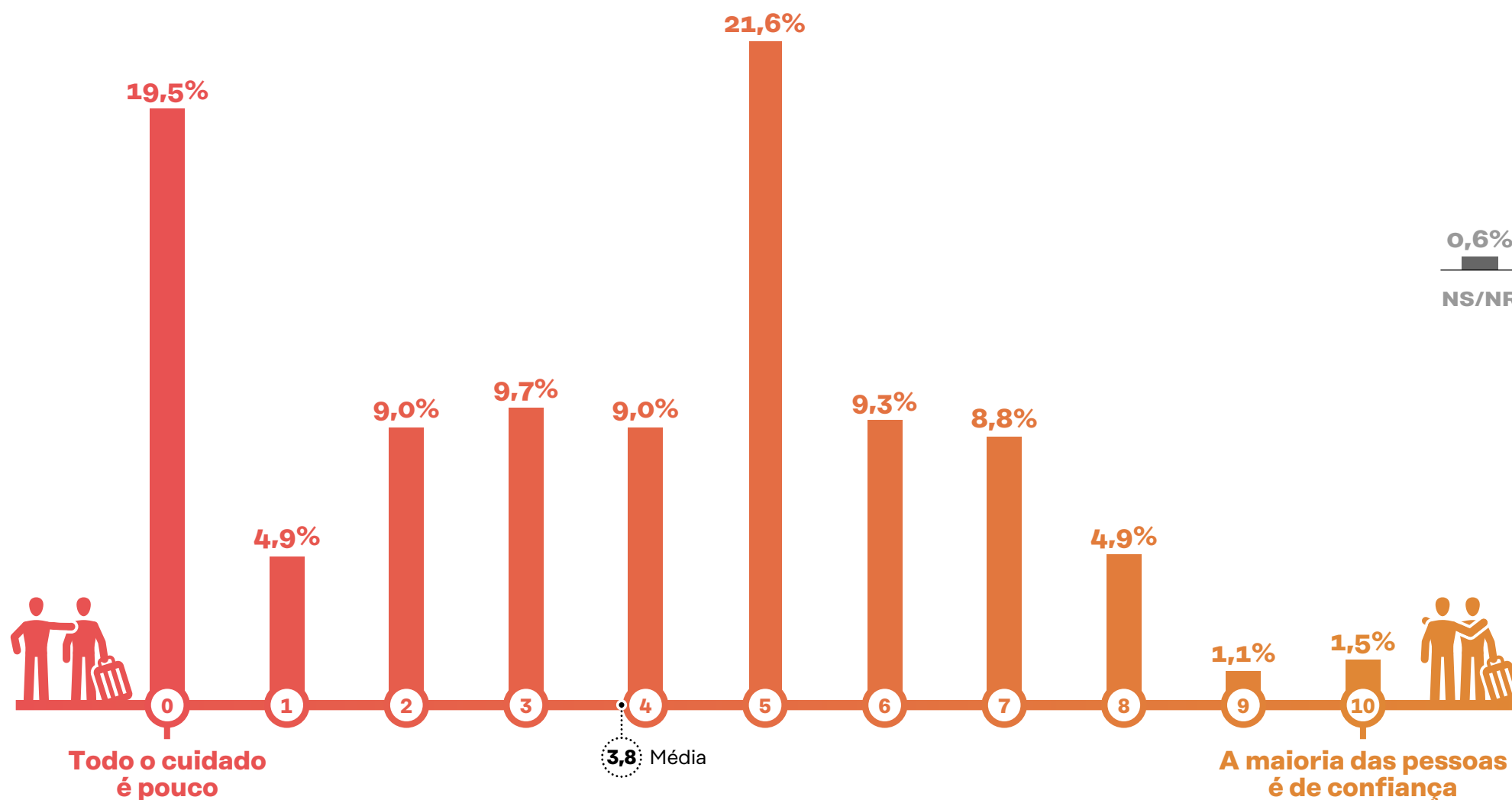


Relativamente aos níveis de confiança, um em cada cinco inquiridos consideram que todo o cuidado é pouco quando se lida com pessoas, o que faz com que o nível médio de confiança interpessoal na amostra seja reduzido.

Figura 16

Confiança nas pessoas

De uma forma geral, acha que todo o cuidado é pouco quando se lida com as pessoas, ou acha que se pode confiar na maioria das pessoas



Tal como esperado, o sentimento de segurança está associado às atitudes face à imigração, na medida em que as pessoas que se sentem mais inseguras são as que mais se opõem à imigração e que são menos favoráveis à concessão de direitos a estes imigrantes. São também as que são mais a favor de mecanismos de controlo que prevejam o regresso dos imigrantes ao seu país quando cometem um crime (ou quando estão sem trabalho).

Por outro lado, e com um impacto francamente mais consistente, aparece o papel da confiança interpessoal. Efetivamente, é muito clara a influência deste fator, que se traduz no facto de os inquiridos com maiores níveis de desconfiança em relação aos outros serem os que mais fortemente se opõem à imigração, que defendem uma entrada mais dificultada a novos imigrantes e que desejam mais barreiras na concessão de direitos a estas pessoas.

Quadro 10

Perceção de segurança, confiança interpessoal e atitudes face à imigração

	OPOSIÇÃO À IMIGRAÇÃO	DIREITO A APOIOS SOCIAIS À CHEGADA	DIREITOS (VOTO, NATURALIZAÇÃO, REAGRUPAMENTO FAMILIAR)	POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO (ENTRADA DIFICULTADA)	MECANISMOS DE CONTROLO
Perceção de segurança na zona de residência	-.14	.14	.17	-	-.12
Confiança nos outros	-.24	.23	.24	-.25	-.26

Nota: Todos os coeficientes de associação indicados no quadro são estatisticamente significativos a $p < .01$ (análise de regressão múltipla).

4.4. O papel das ideologias

As crenças e ideologias das pessoas acerca do que é importante nas relações entre grupos ou sobre as características inatas desses mesmos grupos são fatores habitualmente referenciados como determinantes das atitudes face a esses mesmos grupos (por exemplo, Esses *et al.*, 2001; Son Hing *et al.*, 2007). Nesse sentido, na última secção deste relatório procurámos averiguar a influência de fatores como o igualitarismo (isto é, a ideia de que a igualdade entre os grupos deve ser o nosso ideal), a meritocracia (isto é, a ideia de que os sucessos e as recompensas de cada pessoa ou grupo devem depender do mérito e do esforço individual) e o racismo biológico (isto é, a crença de que existem grupos que são naturalmente inferiores a outros).

Os dados mostram que todas estas crenças e ideologias são variáveis significativamente associadas às atitudes face à imigração. Os inquiridos que acreditam na importância de se procurar a igualdade entre grupos apresentam uma menor oposição à imigração e são fortemente favoráveis à ideia da concessão de direitos políticos e sociais e de apoios sociais aos imigrantes a partir do momento em que estes chegam ao nosso país. De forma também algo consistente, quem acredita que o esforço e o mérito devem ditar aquilo que cada um alcança na vida é também quem é menos favorável à concessão de direitos aos imigrantes e quem defende uma política de imigração mais restritiva e com fortes mecanismos de controlo. Finalmente, os inquiridos que partilham crenças racistas apresentam, de um modo geral, atitudes mais desfavoráveis à imigração.

Quadro 11

Ideologias e atitudes face à imigração

	OPOSIÇÃO IMIGRAÇÃO	DIREITO A APOIOS SOCIAIS À CHEGADA	DIREITOS (VOTO, NATU- RALIZAÇÃO, REAGRU- PAMENTO FAMILIAR)	POLÍTICA DE IMIGRAÇÃO (ENTRADA DIFICULTADA)	MECANISMOS DE CONTROLO
Igualitarismo	-.21	.23	.29	-	-.18
Meritocracia	-	-.12	-.10	.12	.15
Racismo biológico	.11	-	-.17	.11	.10

Nota: Todos os coeficientes de associação indicados no quadro são estatisticamente significativos a $p=.01$.

Principais mensagens

1.

Embora os resultados não revelem uma clara tendência de degradação das atitudes em termos longitudinais, o panorama geral é predominantemente negativo. Uma parte significativa da população expressa oposição à imigração, percecionando-a mais como uma ameaça do que como uma oportunidade, e como trazendo mais desvantagens do que vantagens.

2.

Apesar de um padrão predominante de atitudes negativas, destaca-se que a maioria dos inquiridos concorda com a concessão de direitos, nomeadamente o direito a votar como os portugueses, o direito ao reagrupamento familiar e o direito à naturalização.

3.

Existe uma clara segmentação e diferenciação nas atitudes em relação aos vários grupos-tipo de imigrantes, dependendo da sua origem. Desses grupos, destacam-se negativamente os imigrantes do subcontinente indiano. Este grupo é alvo de elevada oposição, é fortemente associado a mais desvantagens e é percebido como o mais diferente pela população portuguesa.

4.

O papel das perceções de ameaça confirma-se como um fator preponderante nas atitudes negativas face à imigração. Contudo, é importante salientar o valor das oportunidades: os inquiridos que acreditam que os imigrantes contribuem positivamente para a economia e são contribuintes líquidos para a Segurança Social tendem a ser os aliados da imigração.

5.

Um outro aspeto que emerge é o forte papel desempenhado pela confiança interpessoal. Aqueles que acreditam que em geral se pode confiar nos outros são, por norma, mais favoráveis à imigração e aos imigrantes.

6.

Existe entre os inquiridos um forte enviesamento (por excesso) na perceção do número de imigrantes em Portugal. Tal resultado revela-se particularmente relevante, uma vez que essa falsa perceção é também um forte preditor de atitudes mais desfavoráveis à imigração.

Referências

- ANTÓNIO, J. H. C., e POLICARPO, V. (2011). *Os Imigrantes e a Imigração aos Olhos dos Portugueses: Manifestações de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- DENNISON, J., e GEDDES, A. (2019). «A rising tide? The salience of immigration and the rise of anti-immigration political parties in Western Europe». *Political Quarterly*, 90(1), 107-116.
- ESSES, V. M., DOVIDIO, J. F., JACKSON, L. M., e ARMSTRONG, T. L. (2001). «The immigration dilemma: The role of perceived group competition, ethnic prejudice, and national identity». *Journal of Social Issues*, 57(3), 389-412.
- European Social Survey. (2022). *European Social Survey Cumulative File, ESS 1-10 (2020)*. Data file edition 3.4. NSD — Norwegian Centre for Research Data, Norway — Data Archive and distributor of ESS data for ESS ERIC. [Link](#)
- HAINMUELLER, J., e HOPKINS, D. J. (2014). «Public attitudes toward immigration». *Annual Review of Political Science*, 17, 225-249.
- LAGES, M. F., POLICARPO, V. M., MARQUES, J. C. L., MATOS, P. L., e ANTÓNIO, J. H. C. (2006). *Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens recíprocas*. Lisboa: Observatório da Imigração.
- PELLEGRINI, V., de CRISTOFARO, V., SALVATI, M., GIACOMANTONIO, M., e Leone, L. (2021). «Social exclusion and anti-immigration attitudes in Europe: The mediating role of interpersonal trust». *Social Indicators Research*, 155(2), 697-724.
- PETTIGREW, T. F., TROPP, L. R., WAGNER, U., e CHRIST, O. (2011). «Recent advances in intergroup contact theory». *International journal of intercultural relations*, 35(3), 271-280.
- SON Hing, L. S., BOBOCEL, D. R., ZANNA, M. P., e MCBRIDE, M. V. (2007). «Authoritarianism, SDO, and meritocracy beliefs as predictors of prejudice toward immigrants in Canada». *Journal of Social Issues*, 63(3), 467-481.
- STEPHAN, W. G., RENFRO, C. L., ESSES, V. M., STEPHAN, C. W., e MARTIN, T. (2005). «The effects of feeling threatened on attitudes toward immigrants». *International Journal of Intercultural Relations*, 29(1), 1-19.
- VOGT Isaksen, J. (2019). «The impact of the financial crisis on European attitudes toward immigration». *Comparative Migration Studies*, 7(1), 1-20.

Barómetros da Fundação

Os Barómetros da Fundação visam auscultar uma amostra representativa da população portuguesa, procurando indagar a sua opinião sobre temas relevantes para a sociedade. Os resultados são complementados por informação adicional que contextualiza e ajuda a interpretar os dados obtidos nos inquéritos.

Diretor de publicações — António Araújo

Diretor de conteúdos e relações internacionais — João Tiago Gaspar

Título — Barómetro da Imigração, a perspetiva dos portugueses

Autores — Rui Costa Lopes, João António e Pedro Góis

Consultor científico — Carlos Jalali

Revisão de texto — GoodSpell

Design e infografias — Guidesign

As análises, opiniões e conclusões expressas nesta edição são da exclusiva responsabilidade dos autores e não vinculam a Fundação Francisco Manuel dos Santos. A autorização para reprodução total ou parcial dos conteúdos desta obra deve ser solicitada aos autores e ao editor.